

MINHA VIVÊNCIA COM A EJA NO MUNICÍPIO DE DIOGO DE VASCONCELOS

Maria de Fátima Joaquim

Eu, Maria de Fátima Joaquim, sou filha de um casal que morava na comunidade de Boa Vista, zona rural do município. Ele, agricultor rural, ela, lavradora. Lutaram muito para nos sustentar devido à grande dificuldade financeira, pois, naquela época, não existia trabalho fixo na comunidade e também não havia políticas públicas para auxiliar as famílias de pouca renda, como existe hoje.

Estudei em uma escolinha bem pobrezinha, com professoras leigas, sem nenhuma formação acadêmica, sem recurso pedagógico ou didático, mesmo assim, elas estimulavam os alunos ao aprendizado. Concluí o 3º ano do ensino fundamental. Parei de estudar por três ou quatro anos, porque a escola não atendia a alunos de 4º ano em diante.

O tempo foi passando e eu com aquela vontade de aprender. Conversei com meu pai e ele procurou uma escola na zona urbana do município, onde fiz minha matrícula e reiniciei meus estudos na 4ª série do ensino fundamental, que consegui concluir. Uma etapa vencida! No entanto, saí novamente da escola, devido à distância, porque morava na zona rural e não havia recurso de transporte para os alunos.

O tempo foi passando e, novamente, meu pai foi à procura do prefeito da época. Conversou com ele e pediu que conseguisse uma vaga para que eu trabalhasse como professora. Naquela época, ainda era comum contratarem professores sem formação acadêmica para atuarem em sala de aula. Os professores não tinham nem o 4º ano do ensino fundamental. Então, ele me autorizou a exercer, mas com uma condição: visitar as famílias e dialogar com elas. Se aceitassem, poderia matricular as crianças, desde que eu conseguisse de 80 a 100 alunos. Andei em várias comunidades, dialoguei com as famílias, todas me apoiaram e agradeceram por iniciar esse trabalho, necessário há muito tempo,

porque a 4ª série era muito importante e valorizada, como se fosse o 9º ano ou ensino médio de hoje.

Com esses diálogos, consegui inscrever mais de 80 alunos das séries iniciais: 1º, 2º e 3º anos, em turma multisseriada. Comecei o meu trabalho em uma escola tão pobre, à beira da estrada, em meio a uma capoeira, sem nenhum recurso didático e com estrutura precária. Naquela escola trabalhei como professora durante 15 a 20 anos, sem nenhuma formação pois tinha somente a 4ª série. Na escola não tinha outros funcionários. Eu fazia tudo: limpava, cozinhava e dava aula.

Comecei a observar que estava ficando pra trás, porque estavam chegando ao município professores de fora para lecionar, com formação acadêmica e, nos momentos de reuniões e cursos, me sentia acanhada, com vergonha e excluída naquele meio, enfim, não me sentia bem. Com isso, voltei novamente aos estudos e foi quando concluí o ensino fundamental e o ensino médio. Mas, para mim, ainda não estava bom. Resolvi procurar a secretária de Educação e ela me disse que era bobagem eu continuar estudando, porque já estava quase me aposentando. Caí na dela e sosseguei. Continuei a trabalhar.

Com o tempo, terminou o mandato de um prefeito e iniciou outro. Tive a chance de continuar a trabalhar e, com isso, resolvi me inscrever em uma faculdade que havia feito um convênio com a prefeitura. Era a Universidade Federal de Ouro Preto, que estava oferecendo o curso de Pedagogia. Confesso que não tinha esperanças de conseguir passar no vestibular, mas confiei em Deus e na minha perseverança. Estudei e consegui realizar o curso com o qual sempre sonhei.

Cursei a faculdade durante quatro anos e meio. Continuei como professora por mais uns 10 anos. Depois me aposentei, fiquei um ano fora da escola. Voltei novamente a lecionar para o ensino regular durante nove ou 10 anos. Fui, então, convidada a trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que

aceitei com grande preocupação devido ao currículo da EJA ser igual ao regular. Tive muita dificuldade no início, mas, com as orientações e os cursos que realizei, hoje, graças ao bom Deus, faço um belo trabalho com a EJA, que está avançando cada vez mais aqui no município, principalmente na Comunidade de Boa Vista.

Aqui nessa comunidade, a EJA foi iniciada há uns 10 anos com duas professoras. Na verdade, era um projeto de alfabetização e não a EJA propriamente dita. Algum tempo depois, a prefeitura fez um convênio com o governo estadual, no qual os alunos que se matriculassem ganhariam um retorno em dinheiro. A matrícula aconteceu em massa, pois os alunos tinham a esperança de serem recompensados financeiramente. Matricularam-se uns 30 alunos. Eles receberiam uma bolsa para estudar, caso frequentassem os três anos sem parar. No entanto, o que foi prometido não foi cumprido pelo governo estadual e, com isso, os alunos, decepcionados, começaram a desistir da escola. Houve grande evasão naquele período.

Nessa época, fui convidada a trabalhar com esses alunos e tive um grande desafio: mostrar a importância da escola, independentemente da ajuda financeira. Comecei a conversar com eles, a mostrar o que aconteceu comigo quando voltei a estudar. Fui estimulando e muitos voltaram à escola, agora com um propósito diferente, porque queriam realmente estudar e melhorar a sua vida por meio dos estudos. Eles já não iam mais por obrigação, nem para conseguir retorno material. Fizeram as suas matrículas, recomeçaram os estudos e muitos permanecem até hoje.

Desde que estou na EJA, também acompanhei alguns alunos que fizeram uma prova de certificação na Secretaria de Educação e, com isso, conseguiram concluir as séries iniciais do ensino fundamental. Uns saíram da escola, outros, com vontade de ir além, continuaram estudando comigo, inclusive como ouvintes, pois já haviam finalizado as séries iniciais, mas sentiam necessidade de permanecerem na escola e o município não oferecia a EJA nas séries finais do ensino fundamental. Essa oferta só acontecia na escola estadual

quando havia número mínimo de alunos matriculados. Por isso, muitos, sem condições de dar continuidade aos estudos, retornavam às séries iniciais e acompanhavam como ouvintes. Após muita luta e muitos pedidos, conseguimos que a secretaria ampliasse a EJA para as séries finais do ensino fundamental. Iniciamos com o 6º ano, em sistema gradativo de implantação das séries, no segundo semestre de 2018.

Eu, como professora das séries iniciais, me sinto satisfeita pela continuidade da oferta da EJA em nossa comunidade e por saber que temos, aos poucos, superado as dificuldades. Como já mencionei, uma dificuldade é a de formação, pois trabalhar com EJA é muito diferente de trabalhar com o regular. Essa dificuldade tem sido superada ao longo do tempo, com o apoio pedagógico da Secretaria de Educação, no início, sob a condução da Angelita e, nos últimos anos, com o Wagner. Participar da pesquisa de doutorado de Angelita tem sido muito importante para o nosso crescimento como professoras da EJA. Estamos tendo uma discussão relevante sobre vários assuntos relacionados à EJA e tenho me interessado bastante pelo currículo da modalidade, que precisa ser diferenciado, não pode ser igual nem uma adaptação do regular. Sabemos que ele deve ser baseado em fatos da vida dos alunos, algo que tenha significado para eles, com um trabalho que gere debate e interesse. As professoras das quatro escolas estão interagindo e isso é muito válido.

Hoje, a EJA aqui no município acontece em quatro escolas e considero que todas fazem um bom trabalho, estamos trabalhando unidas, participando de reuniões, encontros e cursos.

Na escola de Boa Vista, temos, neste ano, 14 alunos das séries iniciais e 20 das séries finais. Percebemos, em muitos estudantes das séries finais, um grande desejo de darem continuidade aos estudos e fazerem uma formação superior. Nas outras escolas também estamos com uma quantidade razoável de alunos, um total que aumentou neste ano de 2019. Para conseguirmos esses alunos, fizemos uma busca ativa, ou seja, visitamos as casas dos moradores da

localidade, dialogamos com eles e os convidamos para voltarem à escola. Visitar essas casas foi uma experiência muito interessante pra nós, educadoras, pois foi possível conhecer mais do dia a dia das famílias, o que tem repercutido no nosso trabalho com os alunos em sala de aula. Enfim, o resultado foi muito satisfatório.

Um aborrecimento que tenho como professora da EJA é perceber a rejeição e exclusão da modalidade por parte de muitas pessoas. Não concordo com isso, afinal, os alunos voltaram a estudar com grande esforço e com o objetivo de aprender o que não foi possível quando eram crianças, por vários motivos. Uns dizem que voltaram a estudar porque não aprenderam a fazer conta nenhuma, principalmente subtração com reagrupamento e divisão. Outros dizem que voltaram para aprender a ler a *Bíblia*, para fazer lista de compras, para saber tomar o ônibus, para ler bulas de remédios e receitas. Há os que querem ser independentes, sem necessitar ficar esperando pelos outros, e aqueles que relatam que não aprenderam porque os professores maltratavam, batiam, colocavam defeitos, os chamava de “burros”. Enfim, eles vieram para a escola não por obrigação, mas para conseguirem o que não foi possível em outros momentos da vida.

Então, eu trabalho em favor da EJA. O que eu puder fazer em defesa da EJA, eu vou fazer. A minha vontade é mergulhar no mundo da pesquisa sobre a EJA para encontrar soluções e defender os direitos dos alunos da EJA em meu município e em todo o país.